

O nome dela é Pedro e ela é um monstro

São capa da "Time", mas são censurados no YouTube. Fluidos, disruptivos, insubmissos. Estão para lá das definições. Nem LGBTQ nem nada que tenha rótulos. Algo novo. Pedro é um deles. Quantos se sentem monstros em criança, enquanto são, apenas, mais um de nós?

FOTOGRAFIAS ATUAIS **JOSÉ CARLOS CARVALHO**



TEXTO
CHRISTIANA MARTINS



S

er. Homem, mulher, lésbica, *gay*, bissexual, transexual, *queer*. Humano. Ou não ser. Nada disso, nem outra coisa por oposição a qualquer uma destas definições. Já não é esta a questão. Um género para lá de regras predefinidas e que começa a se fazer sentir antes que dê jeito à sociedade, ainda na idealizada e assexuada infância. Géneros que vão sendo. Gerúndio, muito mais que definido. Infinito. Porque ela chama-se Pedro mas não lhe basta.

“Este é um texto sobre vulnerabilidade, sobre assumir fraqueza, e sobre ser uma criança paneleira. Começou com o convite de uma amiga argentina para participar no projeto Mariconcitos; a proposta era que as pessoas se debruçassem sobre as suas infâncias maricas de forma a torná-las dizíveis e a interrogá-las. Propunha-se um olhar para a memória e a procura de expressões sexuais e de género dissidentes, principalmente as afeminadas, bichas, e com especial foco nos seus prazeres e nas suas discriminações. Escrevem sobre a proposta que se trata ‘de seguir pegadas, exumar um passado vivo, abrir uma cicatriz’. Era, numa palavra, uma reflexão sobre afetos perdidos.” Dores encontradas, partilhadas em nome de um percurso que exige disponibilidade a quem o aceita acompanhar. Pedro Feijó aceitou e o título que escolheu é explícito: “O monstro maricas.” Nada mais será tão evidente.

Há cerca de dois meses, o texto

foi publicado no blogue Mariconcitos e partilhado no Facebook. Foi assim que o Expresso viu o testemunho perturbador de uma criança sofrida. Na íntegra, tornou-se evidente que, no coração da fragilidade, Pedro tem a coragem de nos dizer de si. “O medo terrível de que o contar da minha história ou da minha vida seja usado para me explicar — de onde venho, o que sou, a minha natureza —, mas por outro lado, a esperança de que sirva, se me faço entender, precisamente para me desexplicar. Ou seja, do outro lado está a vontade de criar um sujeito paneleiro, um sujeito que além do mais não tem medo de instigar o conservadorismo que se faz guardião da infância (*Won't somebody please think of the children?!?*) [gritaram as personagens dos Simpsons, num episódio], e de criar algo, bem no coração dessa imaginada inocência, que não é nem homem-por-vir nem mulher-por-vir, nem mesmo *gay*-por-vir, que é traveca mesmo, em toda a sua potência, mas que deixa por dizer aquilo em que se vai tornar, que resiste, ora aí está, à categorização e taxonomia de um pequeno-adulto.” A partir deste exercício memorialístico, o tema da identidade de género impôs-se. Havia que espalhá-lo, revelá-lo a quem, dele, pudesse tirar ilações.

São 25 anos de monstrosidade, como ele próprio assume. Passo a passo os mais de 1,80 metros de Pedro Feijó foram enchendo-se de consciência. Olhou-se de frente e encontrou nele um monstro. E, aos poucos, percebeu que só a insubmissão o levaria a algum lugar. A aberração insurrecta: “Cá está o monstro que deixei num armário, trancado a sete chaves, para que ninguém veja quem sou, com medo de ficar só. E todas sabemos, embora por vezes seja difícil admiti-lo, que um monstro é só uma criança que cresceu presa.” Abre-lhe a porta e deixa-o sair, não lhe viremos a cara.

Continua magro, moreno, impossível de não ser visto, com a sua saia estampada e brincos enormes.

Vive em Lisboa e, na rua, atrai olhares curiosos, colecciona rejeições. Não se inibe, permite-se ser como quer. Ou não quer, mas como tem de ser. Há oito anos, Pedro Feijó chegou às páginas dos jornais, aluno do secundário no Camões, em Lisboa, faz um discurso retumbante contra a política educativa de Maria de Lurdes Rodrigues, à frente do então Presidente da República, Cavaco Silva, e como consequência dão-lhe um perfil no “Diário de Notícias”, é noticiado no “Público” e capa da revista do Expresso, como exemplo de ativismo político, mas à época, a sua orientação sexual não era um tema. Entra para o curso de Física, na Universidade de Lisboa, onde durante dois anos tenta compreender os sistemas científicos, sem nada de relevante descobrir. Sai e, por um ano, para para pensar, faz parte de um grupo de análise literária, “lendo como quem escreve”.

Encontra-se com Deleuze, Foucault, Barthes, Paul de Man. Depois opta pelo então novíssimo curso de Estudos Gerais, na Universidade de Lisboa. Concluído, parte com uma bolsa da Universidade de Cambridge para o que é considerado um dos melhores departamentos mundiais de História da Filosofia das Ciências. Na mala, não carrega fato nem camisas brancas, leva saias. “Foi um choque

cultural, académico e linguístico, caí em depressão, fiquei seis meses de cama e arranjei um trabalho num restaurante, mas no segundo ano já estava mais habituada.” Apresenta uma dissertação de mestrado sobre bruxaria em Portugal no século XVI e, depois, durante quatro meses anda pela América do Sul, num trabalho de investigação sobre práticas *queer* e LGBT. “Descobri que lá estão os países com legislações mais avançadas nesta área.” Regressa a Portugal e recebe nova bolsa de estudos, desta vez para fazer o doutoramento em Berkeley, Califórnia.

DIÁLOGO NO PARQUE

O início da conversa numa tarde iluminada num dos parques de Lisboa não pode ser outro. Confrontado, Pedro olha de frente, para um segundo para pensar. Como se define? “Como paneleiro.” Mas por que utilizar uma palavra que já não se usa? “É completamente ingénuo achar que não se usa a palavra paneleiro. Usa-se. Pejorativamente. Não surge é nos espaços onde se combate a homofobia. Não há um único dia em que não a escute. Olham-me na rua, riem-se, mandam bocas, perguntam-me o que está a acontecer ao país. Reivindicar a palavra paneleiro é reivindicar as características que as pessoas quiseram higienizar no *gay*.”

São 25 anos de monstrosidade, como ele próprio assume. Pedro olhou-se de frente e encontrou nele mesmo um monstro



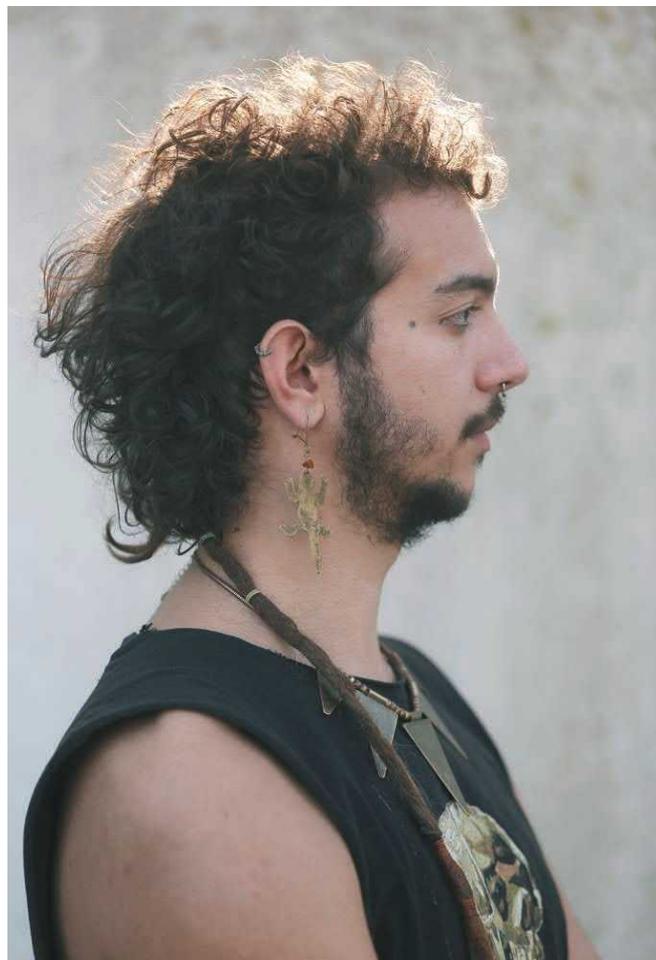
FRONTAL Pedro Feijó tem 25 anos, mas começou muito cedo a revelar uma identidade de género (ver foto das págs. 48/49) que não encaixa em normas preestabelecidas

Usa a palavra por militância? “Lá por eu dizer paneleiro não significa que qualquer pessoa a deva usar em qualquer momento. Não porque seja proibida, mas porque todas as palavras ganham sentido no seu contexto e no seu uso. É diferente alguém, entre amigas ou num manifesto, reivindicar o termo paneleiro, de ouvir alguém a gritar levemente no meio da rua. A mim, por exemplo, e apesar de reivindicar a expressão, faz-me imensa impressão o termo maricas ou mariquinhas. Conjugam em si a ofensa à homossexualidade, a correção de um comportamento que foge ao padrão masculino, o rebaixamento do ser mulher e a recusa em aceitar a expressão de vulnerabilidade. É uma palavra que uso para me pensar apenas, mas que seria incapaz de utilizar para me referir a alguém.”

Pedro pede um ponto prévio, para explicar ao que vem. “Escrevi um texto que gostaria de ter lido, que gostaria que os meus pais tivessem lido, mas não tenho pretensões de representar ninguém. Falo só por mim. E até certo ponto, por parte de mim. Se for para ser um exemplo, só no sentido matemático e esquemático do termo, de ser parte de um todo com o qual partilho características e relações, mas em mim mesma

singular.” E usa saia, para provocar? “Claro que está envolvida uma intenção de provocar uma reação, mas a palavra provocação parece assumir alguma gratuitidade, como se fosse só para chatear ou só para nos fazermos notar. Não é. A provocação tem implicações que me afetam e às vezes pessoas com quem interajo a cada momento. Porque é importante confundir as pessoas, é importante que não saibam como lidar.” Há cinco anos saiu à rua pela primeira vez de saia, numa marcha LGBT. Ia em grupo e “estava a morrer de medo, mas a sensação foi brutalmente libertadora”. Atualmente, só usa calças quando não tem “forças para lidar com as agressões na rua, o que não faz da saia um porto de abrigo”.

Na partilha dos Mariconcitos vai mais longe. Atira-nos o seu combate: “Os monstros só existem em tensão, só existem em marginalidade. Desapareceram das margens dos mapas quando se navegou redondo o mundo. Ressurgiram, nascentes, nos seios das vilas europeias como presságios da fúria divina e nas marchantes bordas do Novo Mundo como símbolos de negritude e bestialidade. Foram domesticados em frascos de laboratório e ainda assim não deixaram de surgir, incólumes e



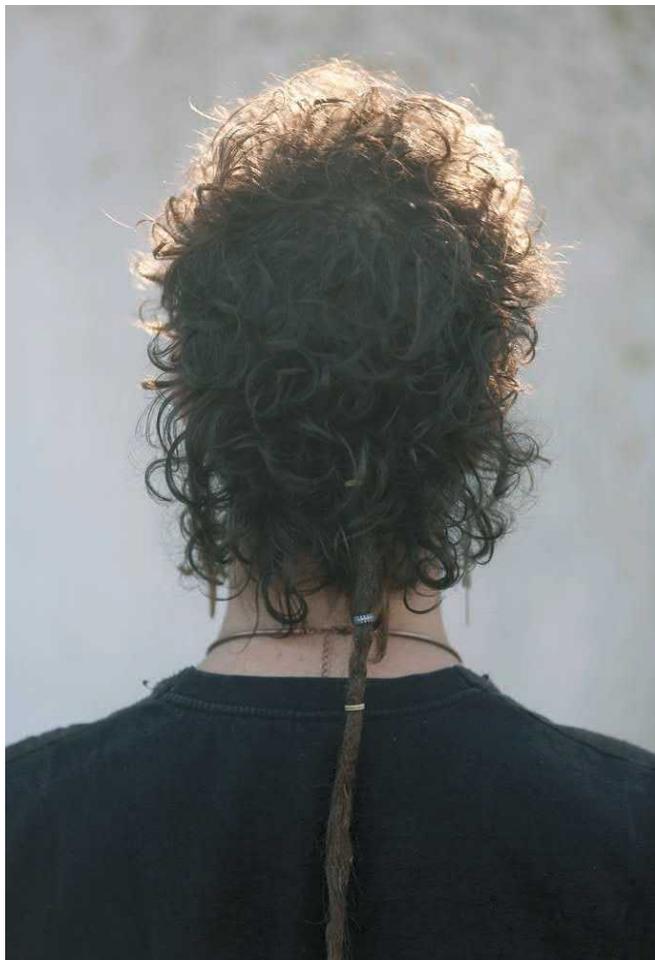
mais feios do que nunca, na mesa de laboratório de Frankenstein, no ventre de Mary Shelley, no parlamento de monstros de Wordsworth. Tentou-se criá-los, a época da ode à teratogenia elogiada por Darwin, mas ainda assim não nos espremeram do desconforto. Ressurgiram fantásticos, *aliens*, mitopóéticos, ciborgues, animados, conhecidos pelas ciências sociais e psicológicas mas sempre como desvios, aberrações, nojentas, de-generadas.”

A contenda não é só dele, é nossa, de espanto, e de Pedro, quotidiana. Se é difícil? Deve ser. Quando Pedro contou em casa, a mãe, psicóloga clínica, chorou e quis saber onde havia errado, e o pai, biólogo, silenciou. Que dificuldades ainda tem? “Nada que se relacione com uma busca da identidade. Aliás, a única dificuldade é conseguir continuar a fugir-lhe. A minha dificuldade é com isto que falo no texto: da relação entre uma vontade que me trespassa e uma imagem e ideal a que os meus outros

me querem fundir.” Como lidar com essas agruras? “Procuo um lugar de desconforto confortável, passo a vida a mostrar que tenho força, alguma superioridade, acima das agressões e da mesquinhez, foi a maneira que encontrei para sobreviver.”

O que é isso, então? “Uma militância experimental, uma forma diferente de fazer política, uma recuperação do movimento feminista em que o pessoal era político. Porque a minha primeira luta foi comigo mesmo.” Mas como ser alguém que carrega em si um monstro? Prometendo sê-lo ainda mais: “Na minha estória, como na história do Homem que as monstros sempre vêm pôr em causa. Também elas espreitam dos frisos das igrejas e das margens dos textos proibindo que me cale a mim própria contando uma estória final; as estórias são sempre provisórias, são sempre só um entendimento, são sempre precárias, e só sedimentam quando, por medo, tentam matar monstros. Se há alguém a quem

A contenda não é só dele. É nossa, de espanto, e de Pedro, quotidiana. Quando contou em casa, a mãe, psicóloga, chorou, e o pai, biólogo, silenciou



se possa confiar a produção autobiográfica é aos monstros: é difícil a universalidade quando se trata de uma escrita conduzida pela monstruosidade, de uma teratografia. A minha mariquice, ser maricas, medroso, veio o orgulho raptá-la à vergonha. O monstro cá continua, por vezes aterrador, amedrontando. Mas transformou-se também numa potência de vida que a cada dia me desafia a experimentar o desconfortável, a devir mais panela, mais incômoda, menos domesticável. O mesmo monstro maricas que me amedrontava transformou-se numa enorme criatura insurrecional.”

O MONSTRO NO RETRATO

“Nós exigimos mais dos monstros, pedimos-lhes, justamente, que nos inquietem, que nos provoquem vertigens, que abalem permanentemente as nossas mais sólidas certezas; porque necessitamos de certezas sobre a nossa identidade humana ameaçada de indefinição.

Os monstros, felizmente, existem não para nos mostrar o que não somos, mas o que poderíamos ser.” Passados 22 anos, as palavras do filósofo José Gil parecem clarividentes, à espera de quem as queira ler no livro “Monstros”. Pedro leu-as. Assim como outras passagens — “[o monstro] é o Mesmo transformado em quase-Outro, estrangeiro a si próprio. É uma demência do corpo, uma loucura da carne.” E o estudioso que privou com Jules Deleuze e Félix Guattari e que assistiu à promessa da revolução homossexual cristalizar-se lê agora a confissão de Pedro e nele encontra “uma grande novidade para Portugal”. Porque “se estamos avançados do ponto de vista jurídico, ainda estamos muito atrasados do ponto de vista comportamental”.

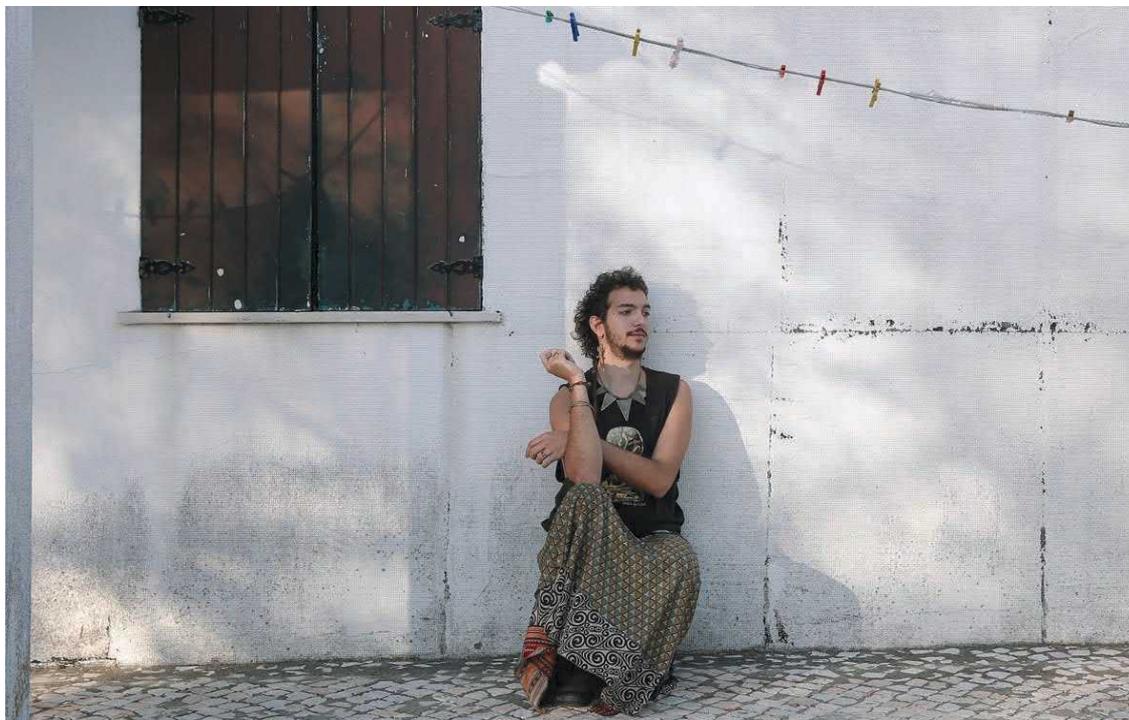
O filósofo alerta, contudo, o que de mais relevante pode surgir deste texto resulta do que lá não está explícito: “A rutura com a noção de identidade.” Uma promessa que surgiu pela primeira vez há cerca de 40

anos, recorda José Gil. “O ideal revolucionário homossexual falhou e ainda está por estudar o que aconteceu nos grupos de extrema esquerda que se enquistaram numa lógica mortífera, um dilema que ainda não está resolvido.” E o texto terá tanta mais relevância porque surge num momento em que “a moral social está a regredir na sua aceitação e permissividade, obrigando-nos a defender posições antiquadas”. Como a ousadia do jovem em abordar a sexualidade infantil, invisível na sociedade portuguesa: “É incrível como não se olha para o erotismo da infância. É como se Freud nunca tivesse existido.”

Pedro Feijó, ainda à conversa com o Expresso no parque, pede a palavra para explicar que “as opressões são sistémicas e que é fácil acusar alguém de ser homofóbico, o difícil é perceber que cada um também o é e que estes são processos marcantes na educação e nas relações sociais”. Assume que as crianças são uma personagem central nesta discussão.

“Não conseguimos lidar com a ideia de que a criança pode ter sexo”, atira, dizendo ainda que “a infância continua a ser imaginada como um estágio pré-político e que só assumindo parâmetros predefinidos de sexualidade será possível chegar-se a um adulto saudável”. Pedro diz que a sociedade acredita que as crianças “têm de ser protegidas, pensadas como algo puro”, mas que “as nossas infâncias estão imbuídas de desejo” e que esta proteção “é de um paternalismo e de uma condescendência brutais”. Defende mesmo que “não há nada pior do que fingir que as crianças não sabem o que estão a fazer”, para confessar: “Tudo o que eu fiz, sabia que estava a fazer.”

Mas ao recuperar a sua primeira experiência homossexual — não tinha ele mais de nove anos —, as memórias de Pedro tocam a ferida oculta: “Na verdade, mais do que sexuais, eram pornográficas. Iamos para casa dele, entrávamos em *sites* porno, e imitávamos um no outro aquilo que



LISBOA Numa tarde de primavera, Pedro Feijó permite-se ser quem é, atento às reações de quem o interpela na construção da própria identidade

víamos na net. Os gestos, as posições, a expressão do prazer. Era um espaço tão excitante quanto arriscado; mas tratava-se da reprodução de imagens, não do que elas pretendiam significar.” Para José Gil, este é, contudo, “um relato que está a mais, é enigmático ao exigir uma narrativa que dê sentido a factos da infância, alguém que diz que não nasceu gay, mas que afirma um devir homossexual e monstro, afirmando um certo tipo de identidade que é a sua” e, atento, o filósofo reconhece que o texto acaba com uma promessa que não se sabe se será concretizada. Afinal, o que quer realmente Pedro Feijó?

AINDA NO ARMÁRIO

Confrontada com o texto de Pedro Feijó, a investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra sublinha a importância de se aceder a um relato como o dele, com detalhes que escapam aos inquiridos quantitativos: “O texto acrescenta muito à discussão da identidade de género em Portugal, onde ainda é raro alguém assumir as suas dificuldades. Aqui a identidade de género continua a estar no armário, apesar das mudanças legislativas. Não é para sossegar que ele escreve, é para questionar.” Coordenadora de uma equipa multidisciplinar e transnacional (espanhóis, portugueses e italianos),

a socióloga Ana Cristina Santos recebeu um financiamento de 1,4 milhões de euros do European Research Council para “contribuir para a inovação jurídica, política e cultural no campo da cidadania das pessoas LGBT”, cujo objetivo é desconstruir estereótipos, expondo à sociedade a sua obsolescência. O projeto “Intimate”, que começou há cerca de um ano e se estenderá até 2019, pretende mesmo flexibilizar os modelos jurídicos, conformando-os às novas realidades.

A fotografia de um miúdo enfeitado com os colares da mãe agarra a investigadora. “É uma imagem poderosíssima, não pode ser mais explícita. Todo o texto é um revisitado a infância, à luz da memória do adulto e mostra como o processo de socialização é profundamente normalizador e está assente no binarismo de género. Mas as escolhas obrigam a violência e o adulto revisita o passado, confrontando-se com a perplexidade de uma criança que começa a perceber que não encaixa. E o texto leva-nos a refletir sobre que mensagem estamos a transmitir às nossas crianças. Porque esta história não termina com o Pedro: a infância dele provavelmente reflete a de muitas outras crianças hoje.”

Uma “identidade que ultrapassa a fronteira do género” foi o que Sofia Aboim, socióloga do Instituto de Ciências Sociais (ICS), encontrou

nas palavras de Pedro. “O armário dele não é só a homossexualidade, há ali toda uma criatura que não tem encaixe, que ultrapassa a questão da sexualidade, ele é tudo o que desencaixa.” E a investigadora encontra “uma abordagem política, inseparável de um elemento pessoal e transgressor, criador de novas possibilidades, em que a ideia de monstro não é apenas negativa mas uma figura revolucionária”. Ideias que não são exclusivas porque, como explica, “cada vez mais os jovens têm acesso a estas narrativas, que chegam das universidades ou de grupos ativistas e é perceptível que está a crescer o movimento das pessoas não binárias”. A investigadora diz que a onda vem ganhando relevo, em Portugal e no Brasil, composta por “pessoas mais radicais, filiadas ao ideal anárquico”.

Outro contributo que Sofia Aboim encontra no texto é a capacidade para “transformar insultos em figuras emancipatórias”, sublinhando que esta forma de estar vem romper com a imagem do gay normativo, que segue o modelo, na homossexualidade, o comportamento heterossexual. Um posicionamento tão mais relevante quanto tenso é o momento atravessado pelo mundo, confrontado com o recrudescimento do conservadorismo, por um lado, e a progressão da reivindicação de discursos alternativos, por outro, com impacto na

legislação. “Um momento revolucionário na questão do género, que não vai ficar por aqui. Abriu-se uma caixa de Pandora”, assevera. Porque para estas pessoas, explica Aboim, “a identidade é um direito, uma questão de autonomia, que não tem de ser mediada pelas instituições médicas ou governativas, porque o olhar do Outro é sempre violento e estigmatizante”.

O psiquiatra Daniel Sampaio defende que “nenhuma criança tem a sua identidade completamente formada durante a infância e que o processo da formação da identidade sexual é complexo e só está completamente estabelecido na adolescência” e quando uma criança não se identifica com o seu sexo biológico abre-se “um longo processo de procura de um sentido, em que a mente não está de acordo com o sexo biológico”. Zélia Figueiredo, também psiquiatra, é responsável pelas consultas de Sexologia do Hospital Magalhães de Lemos, no Porto. Explica que “99% das pessoas” que a procuram “surgem identificadas com um género e querem fazer uma transição para outro” e que “só os muito mais novos conhecem o conceito do não binarismo e da autodeterminação de género. Fazem parte de uma comunidade que não vai às consultas e que não quer fazer uma modificação corporal. São os mais discriminados, os que vivem nos intervalos”.

Desde que a Lei da Identidade de Género entrou em vigor, em março de 2011, e até ao início deste ano, 109 pessoas com menos de 25 anos requereram a alteração de género e do próprio nome. Na Assembleia da República, duas propostas, uma do Bloco de Esquerda e outra do PAN, pretendem reduzir a idade legal exigida para que se proceda a essa mudança de 18 para 16 anos, desde que com o consentimento dos pais. O Governo avança com um pacote legislativo sobre a identidade de género. A secretária de Estado para a Cidadania e para a Igualdade esclarece ao Expresso que esta legislação não visa regular as operações de mudança de género, mas “abordar a identidade de género, atualizando a lei existente, que já está ultrapassada”. Catarina Marcelino explica que também não é o momento para introduzir o terceiro sexo ou género neutro, “uma questão ainda polémica e que nos países onde foi adotada, como a Alemanha, diz respeito às pessoas intersexo [crianças que nascem com ambiguidade dos órgãos genitais]”.

As barreiras à plena expressão destas aparentemente estranhas formas de vida continuam a ser erigidas, como muros que não travam apenas o fluxo de pessoas diferentes às várias tribos, mas também ideias e opções de comportamento. Como quando há algumas semanas foi divulgada a

notícia de que os conteúdos de criadores homossexuais ou transgéneros serão filtrados no Google e no YouTube por não serem considerados “amigos das famílias”. A pergunta que fica, contudo, é: mas que famílias? Qual o espaço que sobra para os novos formatos conjugais e familiares? Sobretudo, quando se sabe que há jovens LGBTQ, como Gigi Lazzarato, — que citada pelo “New York Times”, terá 2,5 milhões de seguidores no YouTube — e que daqui para a frente terão de se contentar com o *restricted mode*. Mas, por mais paredes que se ergam, a tendência da liberdade de géneros parece imparável.

POR TODOS OS LADOS

2017 começou com uma capa inédita da revista “National Geographic” a estampar uma rapariga transgénero. Há poucas semanas foi a vez da “Time” dar destaque às *infinite identities*, em que o tema central era a crescente comunidade de pessoas que rejeitam uma sexualidade definida entre o masculino e o feminino, com exemplos como o de Miley Cyrus, assumidamente pansexual, a reconhecer que, apesar das dificuldades que continuam a existir, atualmente é possível pelo menos discutir a situação. “Antes, sair do armário era assustador”, diz a cantora de 24 anos. A revista conta ainda que o Facebook tem mais de 60

possibilidades de género registadas e que na Califórnia já é possível recorrer a um terceiro género em documentos como a carta de condução ou a licença de nascimento. Entretanto, a agência noticiosa norte-americana AP passou a incluir no seu livro de estilo a possibilidade de se utilizar o pronome *they* quando em causa estiver uma pessoa que não se reconhece como *he* ou *she*. E, apesar das restrições legislativas impostas pelo Presidente Donald Trump, há cidades nos Estados Unidos que estão a difundir a utilização de casas de banho identificadas como *gender neutral* ou *all gender*. Tentativas para mostrar que o género resulta de um processo de autocompreensão individual e que uma pessoa pode ser cisgénero, quando se identifica com o género que lhe é designado à nascença, ou transgénero, quando tal não ocorre e, neste caso, poderá, ou não, identificar-se com o género binário, constituindo algo mais, diferente.

Falta, portanto, ir mais longe e Pedro Feijó, em Cambridge, foi. Abordou num ensaio os *otherkin*, ou seja, aqueles que questionam a própria definição de ser humano e abrem espaço a quem prefere acreditar ser um animal ou uma criatura mitológica. Identificados anteriormente como casos patológicos ou meramente curiosos, estes indivíduos começam a reivindicar seriedade na abordagem deste diferente modo de ser. Somos então confrontados com a desconfortável questão: o que significa ser-se humano? No ensaio, Feijó questiona se, “seguindo a luta daqueles que se veem a eles mesmos excluídos da Humanidade, pode ser altura de questionar se durante todo o século XX os diagnósticos não tiveram o foco errado. Talvez devesse ser dito que a Humanidade é ela própria uma espécie de disforia?”

Tradutor, com Helena Lopes Braga, do livro “Manifesto Contrasssexual”, Pedro Feijó parece concordar com as teses defendidas por Paul B. Preciado, filósofo espanhol, nascido biologicamente mulher há 46 anos.

Para este autor, “o sexo não é a base fixa do género: é preciso olhar o corpo e vê-lo como construído; aí poderemos encontrar novos espaços de resistência”. E inspirado em autores como Karl Marx ou Michel Foucault, defende a instauração de um movimento de contestação: “A contrasssexualidade é também uma teoria do corpo que se situa fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade.” De tal forma que, quando um corpo se apresenta ambíguo e indefinido, terá de ser normalizado sob pena de criar um desequilíbrio social. Porque as diferenças sexuais e a chamada verdade anatómica ou biológica apenas visam legitimar a organização política e perpetuar as relações de poder.

Eve Sedgwick — a única autora citada explicitamente por Pedro Feijó no seu texto memorialístico nos *Maricóncitos* — é considerada a grande teórica da “saída do armário”. Para esta autora, cada sociedade define o que é sexual ou não e os próprios limites de aceitação ou rejeição de certas relações, a partir da sua estrutura de poder. Já se passaram 68 anos desde que o mundo ocidental ficou escandalizado quando Simone de Beauvoir assumiu no seu livro “O Segundo Sexo” que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. A autora explicou que “nenhum destino biológico, psíquico, económico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino”. A sociedade mudou, e vai continuar a mudar, acompanhando, algumas vezes mais de perto, outras com maior incredulidade, o que investigadores e escritores trazem de novo, e revelando-lhes novidades que nem o mais ousado criador pensara. ●

camartins@expresso.impresa.pt

O texto completo de Pedro Feijó pode ser lido em <https://mododevolar.wordpress.com/2017/01/28/o-monstro-maricas/>

Os conteúdos homossexuais ou transgéneros serão filtrados no Google e no YouTube. Não são “amigos das famílias”